

IGARAPÉS URBANOS: OS IMPACTOS DA URBANIZAÇÃO NA PAISAGEM DO BAIRRO SÃO JOSÉ EM TEFÉ-AM

Matheus de Souza Inhumá Delgado¹, Francisca das Chagas Viana Vale dos Santos², Eubia Andréa Rodrigues³

RESUMO

O presente trabalho é fruto de uma pesquisa realizada na iniciação científica através de trabalhos de campo entre 2024 e 2025, no bairro São José, onde buscou-se compreender como os equipamentos urbanos influenciam o cotidiano dos moradores sob a perspectiva ambiental, analisando o igarapé do Xidarini-São José. Metodologicamente, o trabalho possui um método dedutivo, com abordagem quali-quantitativa, estruturado em dois momentos: o primeiro, uma exploração bibliográfica na temática do espaço urbano, urbanização e meio ambiente, impactos socioambientais e igarapés, com autores do campo geográfico e áreas afins, e em segundo, os pré-campos e campos, para o diagnóstico do igarapé do Xidarini-São José. Durante os campos, identificou-se seis pontos de modificações no curso do igarapé, provenientes da urbanização, além do descarte indevido dos resíduos sólidos. Desta forma, o trabalho ainda identificou a falta de uma representação pública do bairro, que viabilize ações junto ao poder público, sendo essencial e extremamente necessário a intervenção política e comunitária através da Educação Ambiental ao promover uma urbanização, uma cidade, para o bem-estar do igarapé e do bairro São José.

PALAVRAS-CHAVE: Educação Ambiental. Espaço Urbano. Igarapés. São José.

INTRODUÇÃO

O que é o mundo?, o espaço?, são partes?, ou conexões?, o homem e a natureza, são emblemáticos, o homem sobretudo possui uma perspectiva e visão singular, em prol das transformações/modificações do ser e do espaço, tornando-o a sua semelhança e necessidade, partindo disso, iniciamos este trabalho com uma leitura do filósofo alemão Martin Heidegger, em *Ser e Tempo*, o qual permite explorar a mundanidade do mundo:

Descrever o “mundo” fenomenologicamente significa: mostrar e fixar numa categoria conceitual o ser dos entes que simplesmente se dão dentro do mundo. Os entes dentro do mundo são as coisas, as coisas naturais e as coisas “dotadas de valor”. O seu caráter de coisa torna-se problema; e na medida em que o caráter de coisa das coisas dotadas de valor se edifica sobre o caráter da coisa natural, o tema primário é o ser das coisas naturais, das substâncias. Esse caráter é o fundamento de tudo. (Heidegger, 2005, p. 103-104)

O mundo na atualidade, tem mostrado que homem e natureza caminham entre laços extremos, cujos impactos e pressões em ambos os lados, resultam em um consumismo e exploração desenfreada mostrando respostas perversas, à altura das ações e transformações da sociedade, que permitem refletir criticamente, que desenvolvimentos e/ou avanços têm sido significativos para mitigar esses efeitos?

A sociedade, impulsionada pelo fenômeno da globalização, urbanização e capitalismo, exprime como um dos principais temas desta época contemporânea, diante da consolidação da sociedade de consumo, ao qual nas palavras do sociólogo francês Jean Baudrillard:

Os progressos da abundância, isto é, da disposição de bens e de equipamentos individuais e coletivos cada vez mais numerosos, oferecem em contrapartida “prejuízos” cada vez mais graves - consequências, por um lado, do desenvolvimento industrial e do progresso técnico e, por outro, das próprias estruturas de consumo.

Degradação do quadro colectivo pelas actividades económicas: ruído, poluição do ar e da água, destruição das paisagens e lugares, perturbação das zonas residenciais pela implantação de novos equipamentos, aeroportos, auto-estradas, etc. (Baudrillard, 2009, p. 34)

O atual modelo de “desenvolvimento”, segundo Baudrillard é uma questão fundamental sobre o desenvolvimento da globalização, da urbanização, do avanço da técnica sob o quadro econômico, com o agravamento do meio ambiente, e o impulsionamento urbano desenfreado sob as pontas soltas dos problemas socioambientais, tendo em vistas que estes processos não como simultâneos, mas graduais e que adentram os espaços. Na perspectiva da urbanização amazônica, é visível o caso da cidade de Tefé, onde Rodrigues (2011) aponta a cidade como um expoente comercial através da efervescência econômica, caracterizando-se como uma cidade média amazônica, e que esta desponta como responsabilidade territorial na região do Médio Solimões.

A urbanização, a problemática ambiental e a educação ambiental, não torna Tefé exclusiva deste debate para uma resiliência urbana, mas um dos casos generalizados dentro do contexto amazônico, uma vez que Rocha, Soares A. e Soares D. (2024) observaram no caso de Belém do Pará, que o modelo de expansão urbana térrea sobre as águas, compreendia uma substituição gradual da então organização espacial “rio-várzea-floresta” para “estrada-terra firme-subsolo”, logo Belém, Tefé, ou qualquer outra cidade amazônica, em algum momento passaram ou passam, rapidamente

¹Aluno do curso de Licenciatura em Geografia da Universidade do Estado do Amazonas. Tefé, Amazonas, Brasil. E-mail: matheusdelgado765@gmail.com.

²Aluna do curso de Licenciatura em Geografia da Universidade do Estado do Amazonas. Tefé, Amazonas, Brasil. E-mail: fradas1234@gmail.com.

³Docente no Curso de Geografia. Universidade do Estado do Amazonas. Tefé, Amazonas, Brasil. E-mail: eandrea@gmail.com.

ou lentamente, pelo crescimento urbano tardio, criando novas leituras sobre a pegada urbana aos aspectos ambientais.

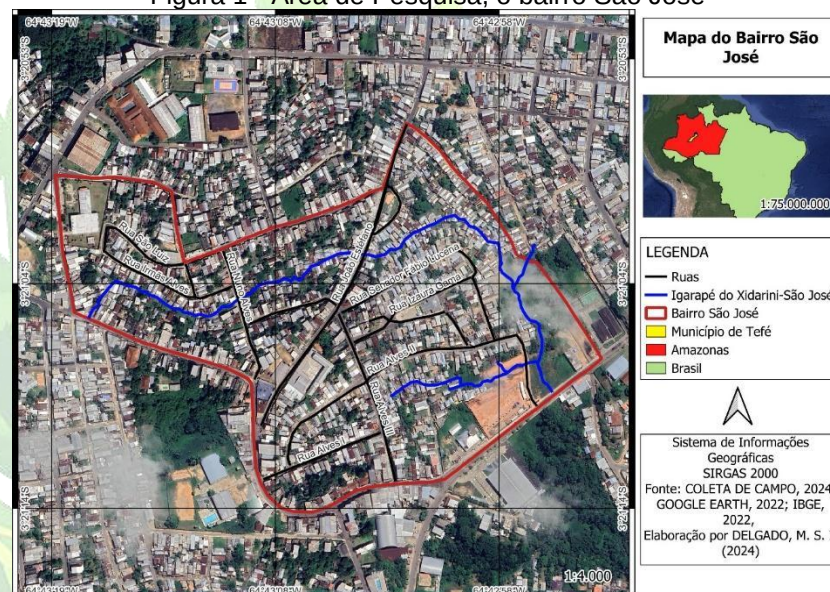
Sendo assim, o bairro São José remonta sua história em meados dos anos 2000, impulsionado pelas transformações graduais advindas dos anos 70 na cidade de Tefé (Queiroz, 2015), e surgia sob as necessidades urbanas dos agentes sociais, com transformações e ampliação da área urbana de Tefé, onde o São José foi sendo ocupado pelos moradores advindos de outras regiões, com diversas necessidades, dentre as quais pode se destacar a moradia inicialmente e posteriormente o avanço para a implementação comercial (Delgado e Rodrigues, 2025). E o avanço da urbanização no bairro põe em pauta, as transformações e modificações do espaço urbano, levando em consideração os aspectos ambientais.

Portanto o trabalho busca compreender como estes fatores urbanos impactam o cotidiano dos moradores sob a perspectiva ambiental, tendo como análise o igarapé do Xidarini-São José.

MATERIAL E MÉTODOS

O presente trabalho, apoia-se em um método dedutivo com abordagem quali-quantitativa, onde os procedimentos metodológicos partem da seguinte esquematização: (1) exploração bibliográfica na temática do espaço urbano, urbanização e meio ambiente, impactos socioambientais e igarapés, com autores do campo geográfico e áreas afins, (2) Pré-Campos e Campos, para o diagnóstico e caracterização do cotidiano do bairro São José através dos moradores e também do trecho do igarapé do Xidarini-São José, diante do processo de urbanização, cujo recorte espacial, é necessário para a compreensão de qualquer fenômeno que ocorra no espaço geográfico, de modo a ter uma melhor visualização, aqui expõe-se o bairro São José (Figura 1), como a área de pesquisa, evidenciando as ruas e claro, o igarapé do Xidarini-São José.

Figura 1 - Área de Pesquisa, o bairro São José



Fonte: Google Earth (2022); IBGE (2022). Elaborado por Delgado (2024).

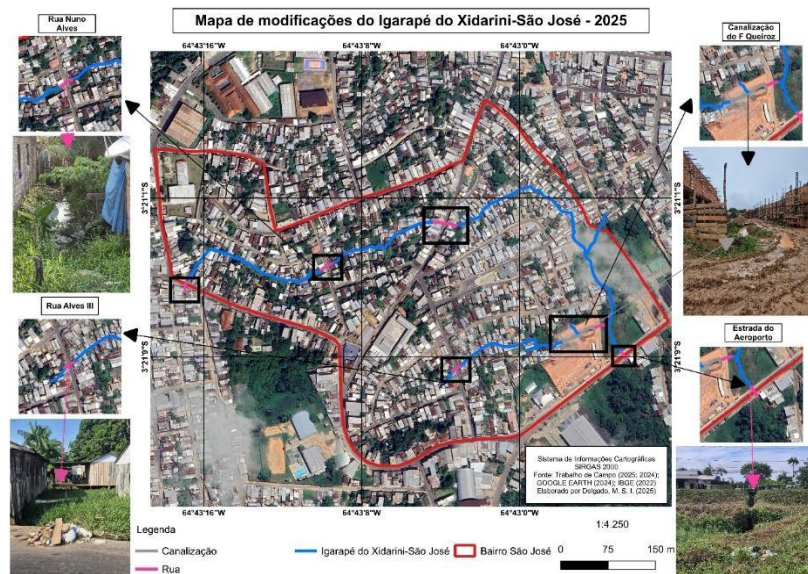
Por fim, o trabalho coletou dados entre 2024 e 2025, no bairro São José, onde na presente ocasião, moradores, frequentadores, comerciantes e instituições públicas, moldaram uma análise da constituição do espaço urbano e dos impactos socioambientais, mas que aqui cabe uma leitura mais concisa sobre esta relação do São José com o igarapé.

RESULTADOS

O bairro São José, atualmente é composto por 12 ruas e cortado pelo Igarapé do Xidarini, não somente ao bairro, este igarapé se faz presente na realidade de outros bairros da cidade, sendo um aspecto relevante de caracterização urbana em Tefé, uma vez que o modelo de organização espacial, remete aos expostos de Rocha, Soares A. e Soares D. (2024) sobre o rio-várzea-floresta, onde a transição para o concreto e massa asfáltica, impermeabiliza o solo e a drenagem do igarapé, determinados aspectos com a inserção da urbanização e globalização, demonstram um processo vasto de transformações modificando sua utilidade ao longo do tempo, questionando a função que o igarapé exerceu no passado, como exerce no presente e como irá no futuro?

Dessa forma, ao final do século XX o igarapé tinha a função de transporte e coleta de água para o uso doméstico, com o avanço da globalização e da urbanização, veio um agravante da problemática ambiental e urbana, impulsionada pelos hábitos dessa sociedade de consumo atrelado ao sistema capitalista, a falta de um planejamento para o sistema de água e esgoto, a medida do crescimento urbano da cidade, sobretudo em áreas periféricas, condicionaram na transformação do igarapé em um esgoto a céu aberto e depósito de resíduos sólidos, que constroem a paisagem do bairro, da população e do igarapé. Modificações graduais (Figura 2) com a redução de áreas verdes, e acentuando o assoreamento do igarapé com as modificações das edificações urbanas, geram pressões sob o solo e do que um dia o igarapé transitava com suas águas.

Figura 2 - Modificações do Igarapé do Xidarini-São José em 2025



Fonte: Trabalho de Campo (2025, 2024); Google Earth (2024); IBGE (2022). Elaborado por Delgado (2025).

Através das pesquisas de campo, identificou-se seis pontos de modificações no igarapé, provenientes do processo de urbanização, com o soterramento do canal, em prol do fluxo urbano, ao qual traz questões pertinentes para a impermeabilização do solo, assoreamento do igarapé, com transformações sobre o ambiente, onde a população que está próxima ao igarapé, descrevem episódios de inundação em meses de chuva, acúmulo de resíduos sólidos, e a falta de saneamento básico, vem em decorrência da precarização de políticas públicas, que por sua vez está condicionada a falta de uma estruturação comunitária em prol de ações com base na educação ambiental, ao mover ações públicas e sociais, ao torna-se uma ferramenta essencial diante da poluição do igarapé do Xidarini-São José.

CONCLUSÃO

O mundo de hoje, globalizado e capitalizado, tecnológico, é emblemático, uma vez por possuir tecnologias que resolveria os problemas da sociedade, no entanto, abusa-se de um (des)envolvimento humano, no limiar de sua relação intrínseca entre o homem e a natureza.

Ao compreender em um pensamento filosófico, sociológico e geográfico, o homem e a natureza impõe uma análise mais que teórica, mas impar de uma constituição entre o poder público e da população, não somente com o igarapé do Xidarini-São José que com a urbanização e o consumo exacerbado de produtos industrializados e na falta de saneamento básica, o caracteriza atualmente como um esgoto à céu aberto e lixeira fluvial, prejudicando uma população marginalizada, ao qual a Educação Ambiental, seria uma solução? Uma iniciativa para os nossos erros?

A resposta ainda pode não ser clara a curto prazo, dado o longo período de degradação, e o ambiente nesta leitura da Educação Ambiental, está além do meio ambiente, mas do meio humano, que deve estar sensibilizado de seus atos, na perspectiva da criação de um meio mais resiliente.

REFERÊNCIAS

- BAUDRILLARD, Jean. **A sociedade de consumo**. Tradução de Artur Morao. 2 ed. Lisboa: Edição 70, 2009.
- DELGADO, Matheus de Souza Inhumá; RODRIGUES, Eubia Andréa. O Espaço Urbano: Os Impactos Socioambientais No Bairro São José - Tefé/Am. **Revista Geopolítica Transfronteiriça**, [S.l.], v. 9, n. 3, p. 01-19, set. 2025. ISSN 2527-2349. Disponível em: <https://periodicos.uea.edu.br/index.php/revistageotransfronteirica/article/view/4667>. Acesso em: 29 Jan. 2026.
- HEIDEGGER, Martin. **Ser e Tempo** - Parte 1. Tradução de Marcia Sá Cavalcante Schuback. 15ª ed. São Paulo: Editora Vozes, 2005.
- ROCHA, Gilberto de Miranda; SOARES, André Araújo Sombra; SOARES, Daniel Araújo Sombra. Águas na cidade de Belém, Brasil: natureza, urbanização e política pública. In: ROCHA, G. M.; LELO, K. (Org.). **Água, cidade e governança**: desafios às mudanças climáticas. Belém: NUMA/UFGA, 2024, p. 47-82.
- RODRIGUES, Eubia Andréa. **Rede urbana do Amazonas**: Tefé como cidade média de responsabilidade territorial na calha do Médio Solimões. 2011. 133 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2011.